

Perspectivas sobre docência feminina luterana por meio da história oral

Franklin Donatello Rosa¹

Weliton Barbosa Kuster²

Resumo

O presente artigo tem por objetivo levantar possibilidades de análise e discussão acerca das questões de gênero (Scott, 1995; Perrot 2005), identidade (Bradley, 1996; Woodward, 2000) e história da educação de surdos a partir de uma entrevista realizada com uma professora luterana. Para tanto, a metodologia de pesquisa utilizada foi a da História Oral Temática, embasada nos estudos de Alessandro Portelli (2001) e Borges e Borges (2021). A análise evidenciou que a atuação dessa docente foi pautada pelos preceitos do luteranismo, defendidos também pela escola onde atuou. Suas vivências carregaram alguns marcadores sociais determinados pelas suas identidades: mulher, luterana e docente.

Palavras-Chave: Gênero; Identidade; Memória; Surdez.

1. Introdução

Foi no Estado do Rio Grande do Sul, durante a década de 1960, que uma professora luterana toma conhecimento de que uma das suas alunas possuía irmãos surdos. O mote para que essa questão chegasse a ela se deu no interior das suas aulas de Ensino Religioso, desenvolvidas junto aos filhos dos membros da Igreja Evangélica Luterana do Brasil.

À época, essa professora propõe que seus alunos escrevessem uma redação. Sua aluna de nome Elizete Linden, no seu escrito, diz:

Eu tenho 2 irmãos mudos. Mas eu mostro o retrato de Jesus e mostro que Jesus gosta deles e eles amam Jesus. Um dia vão falar, eu peço a Deus isso [...] Jesus, um dia eu e meus irmãozinhos vão cantar um hino que a minha professora ensinou (LINDEN, 1964).

Esse depoimento movimenta a professora a conhecer os irmãos de sua aluna, já que ela também enfatizava que era um desejo deles participarem das atividades da Igreja junto dela.

O primeiro encontro se mostra pouco fecundo uma vez que para a professora não existiam possibilidades de trocas pela língua falada. Carregando consigo um sentimento de frustração, percebe que precisaria de subsídios para fomentar o trabalho com aquelas crianças.

¹Licenciado em História; Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas; Pelotas; Rio Grande do Sul, Brasil; linrosa596@gmail.com.

²Mestre em Educação; Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas; Pelotas; Rio Grande do Sul, Brasil; welitonkuster@hotmail.com.

Vai ser no ano de 1964 que seu marido, um Reverendo da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, recebe uma bolsa de estudos para estudar teologia e trabalhar junto ao Mestrado em Teologia Sistemática na Universidade de Missouri, nos Estados Unidos (Raymann, 2001). A partir dessa oportunidade a professora, seu marido e a filha desse casal mudam-se para os Estados Unidos.

Em terras estadunidenses, a professora visita o professor Doutor Richard Silverman, que atuava no Instituto Central para Surdos, afiliada à Universidade de Washington. Buscando um espaço de aprendizagem, é acolhida por esse profissional e essa experiência a auxilia na construção das bases para a sua volta e então contato com as crianças surdas (Raymann, 2001). Nesse tempo, a Língua Americana de Sinais já tinha significativa circulação pelos Estados Unidos e serve como importante aporte para os estudos dela.

Acontecendo também em Saint Louis, ligado à comunidade luterana norte-americana do Seminário Concórdia, existia um curso de Língua de Sinais sendo ofertado, onde a filha dessa professora teve participação nas aulas. A família, nesse cenário, ampliou os saberes relativos à educação de surdos.

A volta da família ao Brasil gerou os novos contatos com os irmãos de Elizete Linden. A partir desse momento, outras necessidades começam a ser visualizadas, como a necessidade de alfabetização, por exemplo. Outros grandes desafios passam a se apresentar, indo para além da educação, como a necessidade de espaços apropriados e equipamentos.

Passado algum tempo, os encontros que contavam, em um primeiro momento, com apenas três crianças, começam a receber um número cada vez maior de participantes. Responsável por esse aumento era a comunidade luterana que divulgava o movimento dessa professora entre seus pares. Como consequência disso, mesmo que sua intenção nunca tenha sido essa, ela funda, no ano de 1966, a Escola Especial Concórdia (KUSTER, 2022).

A filha dessa professora é um dos sujeitos que esteve no centro da fundação e do desenvolvimento da Escola Especial Concórdia. Ocupando esse espaço central junto aos fundadores, fez uso da oportunidade de estudar nos Estados Unidos para adquirir alguns aprendizados referentes à educação de surdos. Durante quase vinte anos, atuou como diretora da Escola Especial Concórdia e, no ano de 2022, concebe uma entrevista onde relata um pouco da sua experiência com relação às atividades que desenvolvia.

O presente trabalho, fazendo uso da História Oral (PORTELLI, 2001) tem por objetivo discutir e problematizar como essa metodologia possibilita mobilizar categorias de análise

como o gênero (SCOTT, 1995) e a identidade religiosa luterana, através de como estas categorias se inscreveram nas memórias sobre a atuação da professora entrevistada.

2. História Oral, gênero e memória

No ano de 2022, a pandemia de Covid-19 que trouxe ao mundo uma série de limitações, já se encontrava em recuo pelo avanço das vacinações. Entretanto, a entrevista que dá origem a esse trabalho precisou ser realizada no formato online por meio do Sistema de WebConferência da Universidade Federal de Pelotas (WebConf UFPEL).

A História Oral, de acordo com Alessandro Portelli (2001):

[...] a história oral é uma forma específica de discurso: história evoca uma narrativa do passado, oral indica um meio de expressão. No desenvolvimento da história oral como um campo de estudo, muita atenção tem sido dedicada às suas dimensões narrativa e linguística (PORTELLI, 2001, p. 10).

As entrevistas realizadas pelos usos da História Oral podem servir ao propósito de recolher depoimentos que ajudem a contemplar nuances que não são alcançadas por outras fontes. No caso dessa escrita em específico, como algumas questões de gênero e de identidade se fizeram presentes nas memórias sobre o trabalho desenvolvido por uma professora.

A metodologia de História Oral para a pesquisa historiográfica apresenta três tendências, sendo estas a História Oral Temática, a História Oral de Vida e a Tradição Oral. Podemos classificar o presente estudo como História Oral Temática, pois de acordo com Borges e Borges (2021), “é caracterizada pelos estudos temáticos, centrados em acontecimentos relacionados às experiências, memórias e identidade de grupo/coletividades sociais. Nesse caso, privilegia a coleta de depoimentos orais que esclarecem determinados temas.” (BORGES; BORGES, 2021, p. 94) e este trabalho encontra-se entre estudos de História da Educação, centrado na temática da experiência de uma docente luterana que atuou na educação de alunos surdos.

Enquanto instrumento de pesquisa, as entrevistas permitem:

[...] a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos. Uma entrevista bem-feita pode permitir o tratamento de assuntos de natureza estritamente pessoal e íntima, assim como temas de natureza complexa e de escolhas nitidamente individuais (LUDKE, 2013, p. 34).

Ao lermos a entrevista concedida pela professora, percebemos a construção de diferentes identidades. Podemos perceber a entrevistada como uma mulher luterana, como uma mulher docente e como essas identidades se misturam em sua construção de pessoa e, conseqüentemente, em suas memórias.

Com o intuito de discutir acerca de abordagens da História Oral que permitam debater temáticas relacionadas a gênero, em nosso caso específico, de mulheres docentes, teremos a categoria gênero utilizada de acordo com os estudos de Scott (1995). Para a autora, o termo “gênero” tornou-se uma categoria útil de análise historiográfica, já que com o aumento dos estudos “[...] oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens” (p. 75)

No que tange às diferenças das memórias entre homens e mulheres, Salvatici afirma que "A experiência humana tem sido fragmentada em realidades múltiplas, marcadas significativamente por divisões de gênero" (SALVATICI, 2009, p.35). A partir da metodologia de História Oral, podemos observar, captar e problematizar pequenos fragmentos da experiência humana, acabando com a ideia do senso comum de que as experiências humanas nunca são individuais e são homogêneas.

A entrevistada relata em dado momento que “[...] o meu pai foi a figura de bastidores, mas a figura extraordinariamente forte que segurou todos os sonhos e planos da minha mãe. Minha mãe voava, né? Então meu pai é que organizava, que dava estrutura, que fundamentava.” (ENTREVISTADA, 2022). Podemos observar neste trecho, as separações dos papéis exercidos por mãe e pai, sendo a mulher uma figura de muitos planos, mas que “voa”. Em momento algum, a mãe da entrevistada é relatada como uma figura sem “força”, muito pelo contrário, pois foi quem causou o movimento da família em direção à educação de surdos, contudo, apontar as diferenças e conseqüentemente, a identidade, como afirmamos anteriormente, para Perrot (2005), alimenta nossa reflexão e nosso debate. Sendo assim, não podemos deixar passar a caracterização da figura paterna como “extraordinariamente forte”.

Em determinado momento da entrevista, a professora relata o momento que considera como o começo de sua trajetória, junto com sua família, na educação de crianças surdas:

[...] na época, quando nós começamos, eu era uma menina de, sei lá, 15 anos quando a escola foi fundada. Mas eu fui "voluntária" (risos e sinais de aspas com as mãos) não tinha como não ser, né? (risos). Tinha que ajudar, tinha que ajudar. “Me ajuda a recortar, me ajuda a organizar, me ajuda a planejar, fica com as crianças” (ENTREVISTADA, 2022).

Quando a professora utiliza as aspas com as mãos ao declarar que foi voluntária no projeto de sua família durante a adolescência, nos dá espaço a refletir sobre a extensão do cuidado ser historicamente reservado para as mulheres, no que tange às profissões. Academicamente é possível encontrarmos trabalhos sobre as divisões sexuadas do trabalho ao longo da história, afunilando até chegarmos na feminilização da docência. Visto que mesmo jovem, ainda que pelo viés de estar auxiliando a sua família, podemos refletir e nos questionarmos sobre os papéis de gênero nas tarefas impostas à então jovem educadora já em formação. Caso a família tivesse um filho do gênero masculino as tarefas seriam as mesmas, de cuidado com as crianças e auxílio às tarefas pedagógicas?

As escolhas profissionais por parte das mulheres, especialmente no século XIX e XX, foram estudadas pela autora Michelle Perrot, que afirma que durante o século XX, as "tentativas de profissionalização do século 20 gostaria de homologar a existência de "profissões de mulheres", limitá-las, codificá-las" (PERROT, 2005, p. 256).

Com isso, a profissão docente contém os pilares que Perrot utilizou para determinar a base do que chamou de "profissões femininas" "Ensinar, cuidar, assistir: esta tripla missão constitui a base de "profissões femininas" que levarão, por muito tempo, a marca da vocação e do voluntariado" (PERROT, 2005, p. 258).

Não é possível para nós, afirmar a partir de fragmentos da memória da entrevistada que ela não possuía outras escolhas profissionais além da educação de crianças surdas, tarefa que, isto sim podemos afirmar, foi executada com afinco e afetividade ao longo da carreira da professora, como demonstrado em diversos momentos de suas falas. Porém ao nos atermos aos usos da metodologia de História Oral como metodologia qualitativa, podemos como pesquisadores, apontar problematizações e reflexões que podem ser feitas através da memória de mulheres.

3. "Quanto mais o educador puder evidenciar a sua alegria em Cristo, tanto mais a criança poderá copiar modelos de fé e de vida cristã"³: docência luterana

A professora entrevistada possui significativa inserção dentro da tradição religiosa do luteranismo. Filha de um pastor luterano, teve sua trajetória pessoal e profissional alinhadas a essa religião específica. Desse modo, o luteranismo está intimamente ligado à sua identidade.

³ Ver Warth (1983).

Bradley (1996) entende identidade como uma forma de percepção do indivíduo dentro da sociedade na qual ele está inserido e ainda pela forma na qual o indivíduo entende os demais em relação a si mesmo. De acordo com esse autor:

[...] a identidade social se refere ao modo como nós, enquanto indivíduos, nos posicionamos na sociedade em que vivemos e o modo como percebemos os outros nos posicionando. As identidades sociais provêm das várias relações sociais que as pessoas vivem e nas quais se engajam (BRADLEY, 1996, p. 24).

Diferenciações étnicas, religiosas e econômicas representam aspectos que constroem identidades específicas. Woodward (2000) diz:

A identidade é, na verdade relacional, e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades. [...] A identidade está também vinculada a condições materiais e sociais (WOODWARD, 2000, p. 14).

A Escola Especial Concórdia foi uma instituição que teve uma das suas grandes preocupações voltadas para a educação religiosa dos seus alunos. Referente a isso, a professora entrevistada diz:

Evidentemente que era uma escola confessional, uma escola luterana. Todas as crianças tinham aula de religião, entende? Em todas as salas [...] então definitivamente era uma escola luterana com toda a filosofia que é uma escola confessional [...] (ENTREVISTADA, 2022).

Desse modo a escola, ao manter seu modelo ordenado com o luteranismo, também fazia com que as práticas educativas fossem norteadas por essa mesma máxima. Era esse o aspecto que fundamentava as apropriações religiosas por parte da instituição. Segundo a entrevistada:

[...] é exatamente isso que eu quero dizer, não é uma coisa assim de horário, das 7h às 8h tem religião, não, se tu estás levando a sério tua confessionalidade ela permeia a escola. Ela tem que estar no jeito que a secretária recebe os pais, no jeito que eu falo com os alunos pra repreendê-los ou pra ter que dizer que eles têm que parar de fazer a bagunça que eles tão fazendo, isso tem que passar por tudo, entende? Porque eles saberão do meu amor a Jesus pelas minhas ações [...] (ENTREVISTADA, 2022).

Essas características marcavam esse ambiente educativo como um espaço religioso, especialmente a partir do trabalho dos seus profissionais que, ao se estabelecerem nos conhecimentos sobre o luteranismo e promoverem um diálogo entre eles e a sua prática, transformavam a escola num ambiente de acolhimento por intermédio da religião. Essa era uma preocupação que se estendia às relações de ensino-aprendizagem onde se esperava dos alunos surdos que houvesse uma reprodução e uma expressão dessa religiosidade (KUSTER, 2022).

Quando falamos sobre identidade, também estamos falando de diferença, visto que “[...] assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis” (SILVA, 2000, p. 75)”

Baseado na afirmação de que “ [...] a identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença.” (WOODWARD, 2000, p. 40), podemos perceber na fala da entrevistada, ao citar o amor de Jesus na repreensão do comportamento dos alunos, que as suas práticas realizadas na Escola Especial Concórdia fazem parte da sua identidade luterana e são diferentes das práticas realizadas em escolas que não são ligadas ao luteranismo. Com isso, só podemos perceber a diferença de uma identidade docente luterana com a de uma identidade docente baseada em outras abordagens, quando colocamos o luteranismo como diferença.

Ao falar sobre o luteranismo praticado e manifestado nas práticas dos professores, a entrevistada enfatiza que:

Mas assim, a resposta mais importante que eu tenho pra te dar é que era uma vivência. Eu não me lembro de alguma vez alguém ter dito "Isso não me serve", entende? Porque basicamente o que é que tu ensinas... As crianças sabiam pequenas orações, sabiam histórias bíblicas, aliás a Naomi era bem, bem exigente nas histórias bíblicas, eles tinham que saber mesmo, saber responder bem direitinho e faziam teste, prova e tudo (ENTREVISTADA, 2022).

Essa fala evidencia que a inserção do luteranismo nas práticas dos professores e profissionais que atuavam na Escola Especial Concórdia e que visavam os alunos em primeira instância estava pautada numa ideia de vivência. As atividades, os ordenamentos, a forma com a qual lidavam com conflitos, as abordagens que realizavam estavam todas relacionadas, direta e indiretamente, à fé luterana.

É importante destacar que, com o passar do tempo, a Escola Especial Concórdia ganhou uma significativa projeção social a partir do trabalho que desempenhava. A Igreja Evangélica Luterana do Brasil possui responsabilidade nesse aspecto pela divulgação que fazia e a partir do encaminhamento de alunos para esse espaço. Tornou-se comum, a partir de determinada época, que alunos cada vez mais distantes da cidade de Porto Alegre viessem em busca de uma vaga nessa instituição. Isso fez com que um número mais expressivo de alunos que não pertenciam à tradição religiosa do luteranismo passasse a frequentar a escola, quadro que já vinha se apresentando, aos poucos, à instituição, especialmente diante do número de alunos em situação de vulnerabilidade social abarcados pela escola (Kuster, 2022).

Diante desse cenário, a escola prezava pelo respeito às famílias e aos alunos que traziam consigo o pertencimento a outra religião ou então e nenhuma. Mas, mesmo assim, projetava e

alinhas as vivências desenvolvidas no interior da escola ao luteranismo. A professora entrevistada exemplifica esse ponto em um relato:

Uma vez teve um pai que disse pra mim assim: "Eu não gostaria que meu filho tivesse aula de Ensino Religioso. Nós optamos por não dar a aula de Ensino Religioso". Eu disse "Não tem problema nenhum tirar seu filho na hora da aula de Ensino Religioso. Ele pode ficar sentado na biblioteca, só que eu preciso lhe falar uma coisa, a religião tá por toda a escola. Eu seria injusta com o senhor, não estaria sendo verdadeira com o senhor se eu não lhe falasse que por onde o senhor olhar o senhor vai ver religião. O painel de entrada da escola é sempre um versículo bíblico, e por onde o senhor olhar. Ele vai descer pra fazer assembleia sexta-feira [...] E eu vou ter que tirar ele da assembleia também. Eu vou ter que tirar ele de algumas reuniões que às vezes a gente começa com uma oração. Eu vou ter que tirar ele em alguns momentos que ele tiver muito triste e eu não vou poder dizer pra ele 'não te preocupa, Deus cuida de ti'. Eu vou ter que tirar isso dele também. Aí o senhor avalia, talvez aqui não seja a melhor Escola pra ele" (ENTREVISTADA, 2022).

Com esse excerto, é perceptível o preparo que existia por parte da equipe quando da chegada de pessoas que apresentassem alguma resistência ao trabalho religioso que a escola desenvolvia. Havia uma certeza quanto aos ganhos positivos que os alunos teriam ao participarem ativamente dessas atividades, que eram divulgados aos pais e usados como argumento para que eles permitissem a participação efetiva dos seus filhos. Esse cenário, inclusive, foi o responsável por angariar novos membros para a Igreja Evangélica Luterana do Brasil.

A professora ressalta a proibição da língua de sinais no Congresso de 1880 em Milão, mas que apesar disso a Escola trabalhava com a metodologia da utilização de sinais por parte dos surdos, e que determinada metodologia foi adquirida através das aulas ministradas por um pastor nos Estados Unidos. Podemos refletir que no caso da família pertencer a outra religião, este aspecto seria diferente. A questão da língua de sinais está também relacionada às questões de identidade, já que até a atualidade, os sujeitos surdos comunicam-se a partir de sinais, sendo um símbolo da identidade surda. Este símbolo que representa um aspecto da identidade sobreviveu a anos de proibição, aspecto que a professora comenta em determinado momento, dizendo "Uma coisa é a escola proibir, outra coisa é o grupo de surdos que a vida inteira usou isso" (ENTREVISTADA, 2022).

4. Conclusões

A pesquisa apresentada no decorrer desta escrita trouxe algumas reflexões a partir de uma entrevista realizada com uma professora luterana que atuou na educação de alunos surdos. A Escola Especial Concórdia, palco da atuação dessa profissional, foi uma instituição fundada por uma iniciativa familiar, mas que contou com o apoio da Igreja Evangélica Luterana do Brasil durante os seus anos de funcionamento. Infelizmente, no ano de 2020, essa instituição,

que fazia parte da rede de escolas da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), sofre com a crise financeira que assolava diversos setores do Brasil e tem suas atividades descontinuadas.

A professora entrevistada, por meio das suas memórias, revela que seu fazer docente esteve pautado pela religião e pela fé luterana, movimento que também se estendia à operação educativa realizada pela escola. O recorte de gênero aqui aplicado demonstrou que a ideia de cuidado, entendida historicamente como um sentimento pertencente às mulheres, legitimou o fazer e a influência dessa professora que, por dentro da sua prática, fortaleceu os laços identitários entre esses dois grupos específicos, os surdos e os luteranos, os quais, por meio da escola, tiveram a oportunidade de cruzarem suas histórias e se reconhecerem como membros de um mesmo grupo social.

Referências

- BORGES, Vilmar José; BORGES, Jullizze Maia. Potencialidades da História Oral na pesquisa e na form(ação) docente: percurso metodológico. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 64, p. 88–101, 2021. DOI: 10.12957/teias.2021.50659. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/50659>. Acesso em: 04 out. 2024.
- BRADLEY, H. *Fractured identities*. Cambridge: Polity Press, 1996.
- KUSTER, Weliton Barbosa. *Dia por dia, milagre por milagre: luteranismo e educação de surdos na Escola Especial Concórdia (1966-1996)*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2022.
- LÜDKE, M; ANDRÉ, M.E.DA. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.
- PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: EDUSC, 2005.
- PORTELLI, Alessandro. História Oral como gênero. *Projeto História*. São Paulo, 2001.
- RAYMANN, Beatriz Carmen Warth. *Family factors as predictors for academic development and progress: a self-report by hearing parentes of deaf university students and by deaf university students*. Wisconsin International University. United States, 2001.
- SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.
- WARTH, Martin Carlos; WARTH, Naomi. A Comunicação Total na religião. In: *Linguagem de Sinais do Brasil*. Editores: Harry W. Hoemann; Eugênio Oates C. S. S. R; Shirley A. Hoemann. Mill Neck Foundation, Mil Neck, N.Y, 1983

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. IN: SILVA, Tomaz T. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 103- 133.

SALVATICI, S. Memórias de gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres. *História Oral*, [S. l.], v. 8, n. 1, 2009. DOI: 10.51880/ho.v8i1.114. Disponível em: <https://www.revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/114>. Acesso em: 03 out. 2024.

Perspectivas sobre la docencia femenina luterana a través de la historia oral

Resumen

El objetivo de este artículo es abordar las posibilidades de análisis y discusión a cerca de las cuestiones de género (Scott, 1995; Perrot 2005), identidad (Bradley, 1996; Woodward, 2000) e historia de la educación de los sordos a partir de una entrevista realizada a una profesora luterana. Com este fin, la metodología de investigación utilizada fue la Historia Oral Temática, fundamentada en los estudios de Alessandro Portelli (2001) y Borges y Borges (2021). El análisis evidenció que la actuación de esta profesora estaba orientado por los preceptos del luteranismo, que también eran defendidos por la escuela donde trabajaba. Sus experiencias llevaban algunos marcadores determinados por sus identidades: mujer, luterana y profesora.

Palabras-clave: Género; Identidad; Memoria; Sordera.

Perspectives on lutheran women's teaching through oral history

Abstract

This article aims to address possibilities for analysis and discussion of gender issues (Scott, 1995; Perrot 2005), identity (Bradley, 1996; Woodward, 2000) and the history of deaf education, based on an interview with a Lutheran teacher. For this purpose, the research methodology used was Thematic Oral History, based on the studies of Alessandro Portelli (2001) and Borges and Borges (2021). The analysis evidenced that this teacher's work was guided by the precepts of Lutheranism, which were also defended by the school where she worked. Her experiences carried some social markers determined by her identities: woman, Lutheran and teacher.

Keywords: Gender; Identity; Memory; Deafness.

Perspectives sur l'enseignement des femmes luthériennes à travers l'histoire orale

Résumé

Cet article vise à aborder les possibilités d'analyse et de discussion des questions de genre (Scott, 1995 ; Perrot 2005), d'identité (Bradley, 1996 ; Woodward, 2000) et de l'histoire de l'éducation des sourds, basé sur une interview avec une enseignante luthérienne. À cette fin, la méthodologie de recherche utilisée était l'Histoire orale thématique, s'appuyant sur les études d'Alessandro Portelli (2001) et de Borges et Borges (2021). L'analyse a montré que le travail de cette enseignante était guidé par les préceptes du luthéranisme, qui étaient également défendus par l'école où elle travaillait. Ses expériences portaient certains marqueurs sociaux déterminés par ses identités : femme, luthérienne et enseignante.

Mots-clés : Genre; Identité; Mémoire; Surdité.